

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA INTERCULTURAL DE ALUNOS DE LETRAS POR MEIO DO CONTATO COM ASSISTENTES DE ENSINO AMERICANAS

THE DEVELOPMENT OF THE INTERCULTURAL COMPETENCE OF LETRAS STUDENTS THROUGH THE CONTACT WITH ENGLISH TEACHING ASSISTANTS

Anelise Fonseca Dutra¹

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

RESUMO

O conhecimento de uma língua estrangeira já vem sendo apontado há anos como não apenas um direito, mas uma necessidade de alunos em todo o país. No entanto, o mero conhecimento linguístico não é suficiente para preparar os alunos para uma visão intercultural que os leve a conhecer diferentes culturas e relacioná-las com a sua própria. Neste caso é necessário que haja um ensino específico dessa competência. Este conhecimento não é inerente ao ensino de língua, sendo necessário que professores intencionalmente ajudem seus alunos a relacionar sua cultura com outras e a ter empatia com diferentes pontos de vista. Essa ideia é corroborada por vários autores. Este estudo tem como foco a presença de duas ETAs (*English Teaching Assistants*) em salas de aula do curso de Letras de uma universidade federal da região sudeste. O objetivo principal deste estudo é verificar como a competência intercultural dos alunos de Letras foi desenvolvida ao longo de um semestre. Para alcançar este objetivo investigaremos igualmente os seguintes pontos: verificar a expectativa de alunos e professores em relação à presença de um professor nativo em sala e investigar até que ponto eles acreditam que o ensino intercultural deve fazer parte do ensino de língua. Como metodologia foram utilizados questionários aplicados a alunos e ETAs no início e no final do semestre letivo. Os resultados indicam que os envolvidos acreditam que o desenvolvimento da competência intercultural é uma das principais contribuições da presença de professores de uma diferente nacionalidade em sala.

PALAVRAS-CHAVE: Competência Intercultural; Ensino de Línguas; Formação de Professores.

ABSTRACT

The knowledge of a foreign language for years has been considered not only a right but a necessity for students all over the country. However, the mere linguistic knowledge is not enough to prepare students to have an intercultural understanding that leads them to know different cultures and relate them to their own. This knowledge is not inherent to the language teaching, thus it is necessary that teachers intentionally help their students to relate their culture to others and to feel empathy to different points of view. This idea is corroborated by several authors. This study focus on the presence of two English Teaching Assistants in a classroom at the language course at a federal university in the southeast of Brazil. The main objective of this study is to verify how Letras students were able to develop their intercultural competence during the semester. In order to do so we are going to check the expectations of students and teachers concerning the presence of a native speaker in the classroom and investigate to what point they believe that the intercultural development must be part of the teaching of a language. Two questionnaires were answered by students and ETAs at the beginning and end of the term. The results suggest that all the people involved believe that the intercultural competence development

¹ Doutora em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras. Email: anelise.dutra@ufop.edu.br

is one of the main contributions of the presence of teachers from a different nationality in the classroom.

KEYWORDS: Intercultural Competence; Language Teaching; Teacher Training.

INTRODUÇÃO

O conhecimento de uma língua estrangeira já vem sendo apontado há anos não apenas como um direito, mas uma necessidade de alunos em todo o país. No entanto, o mero conhecimento linguístico não é suficiente para preparar os alunos para uma visão intercultural que os leve a conhecer diferentes culturas e relacioná-las com a sua própria. Neste caso é necessário que haja um ensino específico dessa competência. Segundo Goodwin (2010), este conhecimento não é inerente ao ensino de língua, sendo necessário que professores intencionalmente ajudem seus alunos a relacionar sua cultura com outras e a ter empatia com diferentes pontos de vista.

Este estudo foca na formação inicial de professores de língua inglesa que tiveram um contato formal com o ensino intercultural por meio da colaboração de duas professoras assistentes americanas. Em uma parceria entre a Fulbright e o Ministério da Educação, por meio do projeto do Inglês sem Fronteiras², nós recebemos na nossa Universidade duas Assistentes de Ensino de Inglês (ETAs, na sigla em inglês) que se dispuseram a participar neste projeto sobre interculturalidade.

Por um acordo firmado entre o Núcleo de Línguas e os professores do Departamento de Letras, foi decidido que a presença das ETAs seria mais bem aproveitada se elas trabalhassem não apenas no Núcleo de Línguas (como parte do Programa Inglês sem Fronteiras), mas atuassem também auxiliando os alunos de Letras no desenvolvimento de sua competência linguística. Outra função das ETAs seria auxiliar os professores que trabalham com o PIBID em suas atividades em escolas públicas da região.

Neste tripé de possibilidades que a vinda das ETAs trouxe para a nossa universidade, este artigo foca na influência exercida pelas professoras nos alunos de Letras, futuros professores de língua inglesa, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da competência intercultural desses alunos.

Este estudo tem, assim, como objetivo geral verificar como se desenvolveu a competência intercultural dos alunos de Letras. Para que este objetivo pudesse ser alcançado, outros objetivos mais específicos foram propostos:

- verificar a expectativa de alunos e professoras assistentes (ETAs) em relação ao contato direto entre um professor nativo de inglês e alunos brasileiros dessa língua ao longo de um semestre letivo;
- investigar até que ponto a presença das ETAs motivou os alunos no seu processo de aprendizagem do inglês;
- investigar até que ponto alunos e ETAs desenvolveram a competência intercultural neste contato semanal em sala de aula, no Clube de conversação e nas oficinas³.

1 Pressupostos teóricos

Nesta parte do artigo, discutimos os conceitos relacionados à educação intercultural e à sua importância na formação inicial de professores de língua inglesa. Enquanto outras áreas do

² Atualmente Idiomas sem Fronteiras

³ Estas são atividades oferecidas a todos os alunos da universidade que tenham interesse na aprendizagem de inglês. As oficinas são sobre diversos temas que focam na parte cultural, e o clube de conversação consiste em atividades propostas para desenvolver a habilidade oral dos presentes.

conhecimento podem e devem contribuir para o desenvolvimento da competência intercultural, é justamente o professor de uma língua estrangeira que tem a experiência única de lidar com a noção do outro como um ponto principal de suas preocupações. Isso ocorre naturalmente uma vez que o professor está trabalhando com uma outra língua e uma outra cultura, além da sua própria e a de seus alunos. O professor e seus alunos devem se engajar em experiências familiares ou desconhecidas via outra língua e têm a possibilidade de ver o mundo de outras formas que podem às vezes contrastar com nossas formas de ver e entender a (s) sociedade(s).

Como escrito anteriormente, os futuros professores de língua estrangeira precisam na sua formação de um conhecimento adicional que vai além do ensino da competência comunicativa. É preciso que eles tenham a oportunidade de desenvolver um processo que os leve a uma competência intercultural: os professores em formação (atualmente nossos alunos) precisam ser ajudados a relacionar sua própria cultura com culturas estrangeiras, a comparar e a sentir empatia com culturas e pontos de vista estrangeiros (Goodwin, 2005).

Um dos primeiros modelos de desenvolvimento da Competência Comunicativa Intercultural, em uma adição ao modelo de competência comunicativa de Hymes (1972), foi proposto por Byram (1997, págs. 50-53) no livro *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Ele apresenta cinco aspectos da competência intercultural que estão listados a seguir como definidos em termos de alguns de seus objetivos.

1. Curiosidade: curiosidade, abertura e prontidão para rever crenças em sua própria cultura e descrença na cultura do outro.

- Disposição para procurar e aceitar oportunidades de se engajar com o diferente em uma relação de equidade.
- Interesse em descobrir outras perspectivas na interpretação de fenômenos familiares e não-familiares tanto na sua quanto nas outras culturas.
- Disposição para questionar os valores e pressuposições nas práticas e produtos culturais de seu próprio ambiente.

2. Conhecimento: de grupos sociais e suas práticas no próprio país ou no país do interlocutor, bem como dos processos de interação social e individual em geral.

- Compreensão das relações históricas e contemporâneas entre seu país e o do outro.
- Compreensão das causas de mal entendidos entre interlocutores de diferentes origens culturais.
- Compreensão das distinções sociais e suas principais características no seu país e no país do interlocutor.
- Compreensão dos processos de interação social no país do outro.

3. Habilidades para interpretar e relacionar: interpretar um documento ou evento de outra cultura, explicá-los ou relacioná-los a documentos da sua própria cultura.

- Habilidade para identificar as perspectivas etnocêntricas em um documento ou evento e também explicar suas origens.
- Habilidade para identificar áreas de mal entendidos em uma interação e explicá-las em termos dos sistemas culturais presentes.
- Habilidade de mediar interpretações conflituosas.

4. Habilidades de descoberta e interação: habilidade de adquirir novo conhecimento de uma cultura ou práticas culturais e a habilidade de operar estes conhecimentos, atitudes e habilidades sob a pressão da comunicação e interação em tempo real.

- Possibilidade de identificar processos de interação similares ou diferentes, verbal ou não-verbal e negociar um uso apropriado em circunstâncias específicas.
- Habilidade de usar em tempo-real uma combinação apropriada de conhecimento, habilidade e atitudes para interagir com pessoas de outros países e culturas.

5. Consciência crítico-cultural / educação política: habilidade de avaliar criticamente, e com base em critérios explícitos, práticas e produtos da própria cultura e da cultura do outro.

- Habilidade de identificar e interpretar valores implícitos e explícitos em documentos e eventos na sua própria cultura e na cultura do outro.
- Habilidade de interagir e mediar em trocas interculturais de acordo com critérios explícitos e negociar, quando necessário, um certo nível de aceitação utilizando seus conhecimentos, habilidades e atitudes.

O objetivo de mostrar como atingir uma competência intercultural em termos de objetivos é para facilitar para o professor no momento em que vai planejar sua aula e, em seguida, avaliá-la. Deixar para o improviso é permitir que a falta de atenção e de preparo levem o professor a não colocar essa competência na sua didática de forma integrada. Não preparar adequadamente nossos alunos para esse aspecto pode acarretar, como acontece frequentemente, em incidentes que podem ser entendidos pelo seu lado humorístico ou em falhas de comunicação que podem gerar situações embaraçosas ou graves mal entendidos (Cholopek, 2008).

Goodwin (2010) também aponta para a importância de termos um bom curso de formação de professores que esteja ligado aos fatores globais de interdependência. Atualmente, neste mundo globalizado, precisamos aprender a viver em harmonia com as diferenças que nos chegam pela mídia, seja ela televisiva, impressa ou digital. As mudanças sociológicas que ocorrem em escala global chegam até nós de forma muito rápida. Nós precisamos estar preparados para lidar com estas mudanças. Ao formar nossos alunos, futuros professores, dentro de uma concepção intercultural estamos igualmente preparando cidadãos para viver harmoniosamente em nível local e global.

Vários autores como Corbett (2003), Motta-Roth (2006), Schlatter (2009) e Salomão (2011) dentre outros vêm na educação intercultural um caminho sem volta e que precisa imediatamente ser incluído na educação de forma geral e não apenas no ensino de línguas estrangeiras. Segundo Mittenburg et al. (2005), a educação intercultural deveria ter um enfoque transversal perpassando as diversas disciplinas com o objetivo de transformar os alunos em indivíduos conscientes quanto ao seu papel na sociedade ao respeitarem mais os seus semelhantes em vez de discriminá-los.

A competência intercultural pode ser entendida como um dos objetivos de longo-prazo da educação intercultural. Segundo Loner e Hayes (2004, pág. 93), uma pessoa é considerada competente interculturalmente se ela é “emocionalmente cuidadosa, mas controlada, sensível às dinâmicas interpessoais e genuinamente perceptível quando se encontra em situações complexas e interativas.”

Pensando especificamente no contexto do ensino de línguas estrangeiras, há vários autores que advogam a ideia de sair do conforto de sua sociedade e sua casa por um período estendido com o objetivo de entender como vive o outro, como ser considerado o “outro” em uma sociedade (Merryfield, 2000). Walters, Garii e Walters (2009) escreveram sobre a importância de se enviar professores em pré-serviço para o exterior. As experiências coletadas ao longo do tempo passado fora de seu país original preparam o professor para perceber novas perspectivas em relação às diferenças humanas. Este tipo de experiência pode levar o professor a evitar preconceitos em relação aos outros e até mesmo reverter os estereótipos existentes. Segundo seus relatos, todos os professores em pré-serviço que participaram da experiência cruzamento cultural (*cross-cultural*) apontaram-na como a mais importante de sua preparação. Além do mais, esses futuros professores se mostraram mais envolvidos em atividades interculturais e mais interessados em atividades globais e em outras culturas que aqueles que permaneceram no seu país de origem.

No Brasil, uma grande parcela da comunidade acadêmica teve essa oportunidade por meio do programa Ciências sem Fronteiras. No entanto, os alunos de Letras que poderiam ser os multiplicadores não apenas da língua, mas da competência intercultural, não tiveram acesso a essa possibilidade. Assim sendo, é necessário pensar em diversas possibilidades de desenvolvimento desta competência, mesmo em seu ambiente de origem. Outros autores, como é o caso de Jones (2015) e Corbett (2002) acreditam ser possível que essa aprendizagem ocorra sem que seja preciso um deslocamento de um país a outro. Corbett, por exemplo, sugere uma série de atividades a

serem realizadas por alunos em seu próprio país com o intuito de prepará-los para se tornarem interculturalmente competentes. Algumas destas sugestões são o uso de literatura, vídeos e entrevistas.

No caso específico deste estudo, o contato semanal (mais de uma vez por semana) com pessoas de origens diferentes como é o caso das duas ETAs ofereceu uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento ou para o começo do desenvolvimento da competência intercultural. Isso trouxe oportunidade para os alunos e as ETAs de se tornarem mais compreensivos em relação aos outros, mais habilidosos em lidar com culturas diferentes (dentro e fora do país) e comprometidos em levar essas mudanças para a frente.

2 Metodologia

A ideia deste estudo foi oferecer aos alunos do curso de Letras da nossa Universidade e às professoras assistentes americanas experiências interculturais que tivessem relevância pedagógica.

As ETAs chegaram em março e puderam participar do primeiro semestre do ano letivo na sua totalidade (ainda sofríamos o efeito da última greve no calendário). Foi pedido a cada uma delas que acompanhasse uma turma de Língua Inglesa III ou Língua Inglesa VI, respectivamente primeiro e último semestre de ensino de língua para alunos que já haviam decidido ser profissionais da língua inglesa. A princípio, as duas professoras assistentes pensaram em se revezar nas turmas, mas depois decidiram cada uma ficar responsável por uma turma apenas. A ideia era que uma das aulas da semana fosse de responsabilidade da ETA, que seria observada pela professora regente. Outras atividades desenvolvidas pelas ETAs que também estão diretamente ligadas aos alunos de Letras foram o *Conversation Club* e diversas oficinas sobre aspectos culturais também abertas a todos os alunos da universidade.

Logo no primeiro dia de aula foi feita uma apresentação sobre o *St. Patrick's day*⁴, visto que era justamente naqueles dias que se comemorava o dia do padroeiro. Esse primeiro contato com um tema interessante escolhido pelas professoras assistentes serviu como um quebra-gelo entre alunos e professoras estrangeiras e já trouxe o tema diferenças culturais para o centro do ensino.

Foi após este primeiro contato que foi pedido a alunos e professores assistentes que preenchessem um questionário com suas expectativas em relação ao estreito contato que teriam ao longo do semestre. Os dois questionários apresentavam questões abertas sendo que o dos alunos tinha dez perguntas e o das ETAs, quatro. Para que as respostas realmente representassem o que as duas professoras assistentes queriam dizer, foi pedido a elas que usassem a língua inglesa. Apesar de elas terem um conhecimento da língua portuguesa, ele não era ainda muito desenvolvido e isso poderia ser um elemento dificultador na hora da escrita.

Ao final do semestre letivo, foi novamente pedido a alunos e ETAs que preenchessem um segundo questionário. Esse também constava de perguntas abertas, sendo que o dos alunos tinha seis perguntas ao passo que o das ETAs, oito. Neste momento, eles puderam discorrer sobre os ganhos e as dificuldades que tiveram como decorrência do contato entre pessoas de culturas diferentes. Os questionários dos alunos foram preenchidos durante o horário das aulas, enquanto que as ETAs puderam fazê-lo em casa e entregá-lo posteriormente. As perguntas constantes de todos os questionários serão citadas no momento da análise dos resultados.

Após o preenchimento e a entrega dos questionários, foi feito um levantamento de todas as respostas escritas pelos alunos e professoras, separando-as primeiramente em pontos negativos e positivos. Em seguida, as repostas eram agrupadas de acordo com as semelhanças existentes

⁴ St. Patrick's Day ou o feriado de São Patrício é uma tradicional festa irlandesa comemorada no dia 17 de março. A data é celebrada em todos os países de língua inglesa, onde as pessoas se vestem de verde e aderem ao trevo como amuleto da sorte.

entre elas para facilitar no momento de transcrição, evitando assim uma grande repetição. Todas as respostas que não apresentavam um paralelo com as demais são mostradas separadamente e apontadas como tendo sido escritas por apenas um aluno. Todas as respostas e os resultados obtidos nos dois questionários são mostrados a seguir.

3 Análise dos resultados

Neste artigo, são mostrados apenas os levantamentos das expectativas em relação à turma de Língua Inglesa III⁵, formada por alunos que optaram pela profissionalização em língua inglesa, seja para o trabalho como professor ou como tradutor. Este contato logo no início de suas trajetórias acadêmicas pode ser de grande valia para o restante do curso. Foram entregues questionários aos alunos sobre suas expectativas em relação a ter aulas com um professor doutor da universidade e também com um falante nativo.

3.1 Expectativas dos alunos

Quinze alunos de uma turma de 21 alunos responderam ao questionário, mas destes apenas treze foram computados, pois em dois deles havia várias respostas em branco.

A primeira pergunta dizia respeito à expectativa dos alunos em trabalhar com um professor nativo durante o semestre e às áreas em que eles acreditavam que o professor poderia ajudar mais. O aspecto mais citado pelos alunos foi o desenvolvimento da linguagem oral, principalmente da pronúncia. Todos os alunos responderam que este seria o maior ganho, sendo que um aluno citou explicitamente que este contato com um falante nativo traria mais segurança, enquanto outros disseram que aprenderiam diferenças entre linguagem formal e informal, assim como gírias. Este já era um resultado esperado, uma vez que o desenvolvimento da competência linguística deve ser uma preocupação constante de futuros profissionais de língua inglesa, seja como professores quanto como tradutores.

Apenas três alunos citaram áreas diferentes, mas igualmente relacionadas. Dois citaram que teriam um maior conhecimento sobre a estrutura e o conhecimento da língua, enquanto um escreveu sobre o ganho que teria em relação ao *listening*, isto é, ao desenvolvimento da habilidade de compreensão oral.

Segundo Motta-Roth (2006), a linguagem é fundamental em qualquer processo de trocas culturais; assim o seu desenvolvimento deve ser incentivado para que haja uma verdadeira relação dialética entre linguagem e cultura, possibilitando a troca entre culturas com sistemas de crenças de valores diferentes. Isso nos leva ao próximo aspecto mais citado por alunos.

O segundo aspecto mais citado foi o cultural, sendo que 7 (sete) alunos responderam que aprenderiam bastante com este contato. Um dos alunos citou que haveria uma grande troca de experiências, mostrando que o processo seria em ambas as direções com os professores estrangeiros também ganhando com este contato.

A pergunta número 4 do questionário “você acredita que estudar a cultura é tão importante quanto estudar a língua” apresentou uma unanimidade entre os alunos. Todos acreditam na importância de se estudar cultura e língua. Abaixo estão algumas respostas dos alunos.

Resposta 1: “A língua é uma das muitas formas de expressão da cultura.”⁶

Resposta 2: “Não dá para dissociar a língua da cultura. É importante estudar os costumes dos falantes para entender como eles as usam.”

Resposta 3: “Aprendizado da língua sem a cultura é superficial e quase mecanizado.”

⁵ Optou-se trabalhar apenas com Inglês III, uma vez que a turma de Inglês VI apresentava um número muito reduzido de alunos.

⁶ As respostas foram transcritas aqui exatamente como os participantes as escreveram.

É interessante notar, no entanto, que, para alguns alunos, o estudo da cultura precede o estudo e o desenvolvimento da língua.

Resposta 4: “Ambas estão interrelacionadas, ao estudar a cultura de um povo, acaba-se por intermédio desta, aprender a língua em questão.”

Resposta 5: “Língua é um fenômeno cultural (estudando a cultura, temos facilidade para entender e apreender a língua.)”

Resposta 6: “A cultura deve prevalecer, pois através dela temos uma densa visão da língua.”

Como os alunos ainda estão no início de seu estudo da língua, no nível que chamamos de pré-intermediário (aproximadamente A2 pelo quadro comum europeu de referência para línguas), foi perguntado a eles se acreditam que é necessário ter um nível linguístico relativamente alto para se estudar a dimensão intercultural na língua estrangeira. Dos treze alunos, 4 responderam ser necessário ter um bom conhecimento linguístico para o estudo da cultura, mas na própria explicação dois afirmam que um conhecimento médio (como o deles) já basta.

Resposta 1: “Ao menos um conhecimento intermediário.”

Resposta 2: “Sem conhecimento linguístico a pessoa fica sem rumo (mas não precisa ter um alto conhecimento linguístico).”

Um dos alunos acredita que o contato com as ETAs aqui no Brasil é interessante, mas não basta. Segundo suas palavras “para ser perfeito é preciso passar um tempo no país. A língua é cultura.” Já os outros 9 alunos acreditam ser possível aprender sobre a cultura com qualquer nível de conhecimento linguístico, que cultura e língua são aprendidas ao mesmo tempo ao longo do processo.

Resposta 3: “A cultura está presente também com um conhecimento mais básico de uma língua. O estímulo à apreensão desta cultura desde cedo é benéfico e necessário.”

Resposta 4: “Construímos esse conhecimento gradativamente.”

Resposta 5: “O aprendizado de uma língua estrangeira ocorre num processo lento, gradual e contínuo.”

É interessante verificar que dois outros apontaram para o fato de ser possível conhecer a cultura de outro país sem nem mesmo conhecer a língua por meio de livros, filmes e internet. Autores como Jones (2015) acreditam, como esses alunos, que isso seja possível, apesar de ser bem menos recorrente e bem mais difícil.

Nas respostas às duas perguntas anteriores fica claro que os alunos reconhecem a importância de uma educação intercultural. Abaixo seguem suas explicações quando perguntados diretamente sobre o motivo da importância desse estudo.

Resposta 1: “É importante saber como certas coisas são feitas em outros lugares do planeta.”

Resposta 2: “Não estamos sozinhos no planeta. É conhecendo o outro, seus costumes, que conhecemos a nós mesmos.”

Resposta 3: “Porque de certa forma uma cultura pode influenciar outra e o Brasil é um país que tem influência de diversas culturas.”

Há uma resposta de aluno que chamou bastante a atenção, principalmente por mostrar a possibilidade de ter contato com aspectos culturais não tão favoráveis em relação ao “modo de vida americano”.

Resposta 4: “Porque muitas vezes você entende sua própria cultura que é baseada na cultura de outros países. Você passa a ter curiosidade e gosta mais, **ou até mesmo menos**⁷, da cultura alheia.”

Se ligarmos essa resposta à da próxima pergunta “Você acredita que estudar uma língua estrangeira possa ter algum impacto no seu conhecimento sobre sua própria cultura”, e à primeira resposta dada por um dos alunos: “Muitos nascem brasileiros, mas seguem o estilo de vida americano”, temos um estudante que acredita que muitas pessoas no Brasil vivem o estilo de vida americano, por não conhecer totalmente o que significa, por ter uma visão idealizada do tipo de

⁷ Grifo meu.

vida que as pessoas levam nos Estados Unidos. Segundo este aluno, as pessoas, depois de conhecer melhor partes reais da cultura americana, talvez passem a gostar menos desta outra cultura e a apreciar mais a sua própria. A visão anterior, de que tudo que vem dos países de primeiro mundo é melhor do que o temos no Brasil, é posta em xeque quando os alunos passam a ter um maior conhecimento sobre a vida real destes países. Neste momento, se de alguns lugares eles passam a gostar mais por ter uma visão mais ampliada, outros lugares, como os Estados Unidos, perdem o ar de utopia quando confrontados com a realidade.

Dando continuidade à pergunta sobre o impacto na sua própria cultura, todos os alunos, exceto um, acreditam em um impacto positivo da educação intercultural na sua própria identidade.

Resposta 1: “Qualquer forma de conhecimento, seja ele linguístico ou cultural, acrescentará na formação de sua própria identidade.”

Resposta 2: “Conhecendo outra cultura, começamos a olhar diferente a nossa própria e reconhecê-la de outras formas.”

Resposta 3: “Aprender aspectos de outras culturas nos ajuda a entender a nossa.”

Resposta 4: “O mundo é um lugar onde várias culturas se misturam e você sempre entenderá um pouco mais sobre sua própria cultura, sabendo a língua e a cultura de outros países.”

O aluno que respondeu de forma negativa a esta pergunta escreveu que “é um conhecimento adicional e não mudará nada sobre minha própria identidade cultural.” Essa resposta mostra que a educação intercultural, que tem como objetivo principal o desenvolvimento da competência intercultural, é um processo longo e que não atinge a todos os envolvidos de forma igual. Este aluno especificamente ainda não entendeu a importância de ter um autoconhecimento cultural mais desenvolvido ao conhecer melhor a cultura do “outro”. Não se trata aqui de abrir mão de si e de sua identidade em um processo de assimilação da cultura do outro. Trata-se de entender melhor a sua cultura e a sua identidade cultural ao compará-la com outras formas de viver; trata-se de continuar quem você é, mas com uma melhor percepção do que isto significa.

3.2 Expectativas das ETAs

Foram dados às ETAs dois questionários. O primeiro foi um questionário aberto com apenas quatro perguntas para verificar suas expectativas em relação ao trabalho que iriam desenvolver ao longo do semestre. O segundo questionário era especificamente sobre o ensino intercultural de uma língua estrangeira. Os dois foram entregues juntos e as ETAs os responderam em inglês. As traduções apresentadas foram feitas por mim.

Quando perguntadas sobre quais seriam os objetivos do ensino de uma língua estrangeira, ambas apresentaram respostas bem parecidas entre si e entre aquilo que os alunos esperam, isto é, conhecimento cultural, somado ao conhecimento da língua, principalmente da parte oral.

ETA 1:⁸ “O objetivo é ensinar os aprendizes sobre língua, cultura e os costumes das pessoas no mundo. O objetivo é aumentar a diversidade cultural, a aceitação e promover a abertura da mente.”

ETA 2:⁹ “Dar aos alunos a habilidade de entender e se comunicar com falantes da língua.”

Em relação ao tempo que elas esperariam se dedicar ao ensino da língua e ao ensino da cultura, as respostas também foram parecidas, com ambas dizendo que passariam o maior tempo ensinando a língua. É importante ressaltar que as ETAs mesmo dizendo que dedicariam a maior parte de seu tempo com o ensino da língua, acreditam que os dois aspectos são inseparáveis e que “os componentes culturais são o que realmente trazem vida ao ensino da língua”.

(1) 60-70% - língua

(2) 75% - língua (gramática)

⁸ It aims to teach learners about the language, culture, and customs of people around the world. It aims to increase cultural diversity, acceptance and to promote open-mindedness.

⁹ To give the students the ability to understand and to communicate with speakers of the language.

30-40% - cultura

25% - cultura

Em relação ao questionário dedicado à educação intercultural envolvendo a língua estrangeira, apresento abaixo algumas respostas das ETAs. Elas são muito similares entre si novamente e entre aquilo que esperam e acreditam os alunos.

Assim como os alunos, uma das ETAs, a que iria trabalhar com os alunos de Língua Inglesa III, escreveu que discorda completamente que os alunos precisam ter um alto conhecimento linguístico em inglês antes de aprender sobre cultura ou falar sobre a dimensão intercultural da língua estrangeira. A outra ETA ficou indecisa – ela iria trabalhar com alunos de Inglês VI, então provavelmente isso não faria diferença na forma de conduzir as aulas.

Mas, por outro lado, ambas discordam completamente que é impossível ensinar língua e cultura de forma integrada, isto é, apesar de estar indecisa sobre o nível de conhecimento linguístico necessário para lidar com aspectos culturais, a ETA acredita ser possível trabalhar com língua e cultura de forma integrada. As duas afirmaram que gostariam de promover a aquisição de habilidades interculturais por meio de seu ensino.

Em relação ao desenvolvimento que o estudo que uma língua estrangeira pode ter sobre o conhecimento de sua própria cultura, novamente as ETAs e os alunos compartilham da mesma opinião: o estudo de uma língua estrangeira deve aumentar a compreensão dos estudantes sobre sua própria identidade cultural.

Foi perguntado também se as ETAs acreditam que elas devem apresentar uma imagem positiva sobre a língua e a sociedade estrangeira. Ambas responderam que concordam até certo ponto. Essa resposta é mais bem explicada quando perguntadas se o professor deve apresentar uma imagem realista da cultura estrangeira, mostrando também os lados negativos da cultura e da sociedade, isto é, sem as idealizações tão comumente apresentadas nos livros didáticos. Como exemplo podemos citar o fato de vários alunos brasileiros acreditarem antes do contato com as ETAs que nos Estados Unidos não havia pobres e mendigos como no Brasil. Ambas as ETAs disseram concordar completamente em mostrar igualmente os lados negativos. Isso demonstra que elas tinham uma visão mais ampla de uma educação intercultural que visa, entre outras coisas, a desmistificar a ideia de hegemonia de uma cultura em relação a outras, neste caso específico, da cultura americana em detrimento da cultura brasileira.

4. Análise do final de um semestre letivo

4.1 Alunos de Língua Inglesa III

Ao final do semestre letivo, os alunos novamente preencheram um questionário fazendo uma avaliação do contato que tiveram com as ETAs. Neste momento, apenas 10 alunos responderam ao questionário. Muitos não terminaram o semestre devido a problemas de matrícula relacionados ao período da greve dos funcionários.

Quando perguntados sobre quais tinham sido os aspectos positivos do contato com duas ETAs ao longo do semestre em aula e nas atividades extras, 4 alunos citaram a parte cultural com diferenças em relação à cultura tanto inglesa (livro e uma ETA¹⁰), quanto americana (2 ETAs).

Outros aspectos bastante citados dizem respeito ao desenvolvimento da habilidade oral: 5 alunos citaram uma melhora na pronúncia (e na coragem de falar com um nativo), 2 alunos citaram fluência, 1, diferenças de sotaques e expressões, e 6 citaram ajuda na aquisição de vocabulário.

Um aspecto bastante interessante citado por uma aluna cuja habilitação é licenciatura em Língua Inglesa é que a possibilidade de ter duas professoras em sala mostrou mais de uma “didática para aprendermos um mesmo conteúdo”. Esta aluna se beneficiou não apenas da aprendizagem da língua e de aspectos culturais, mas ela também focou no seu futuro como professora de língua inglesa e em aspectos do ensino.

¹⁰ Uma das professoras assistentes tinha dupla cidadania, Americana e britânica.

Apenas 3 alunos apontaram aspectos negativos. O primeiro foi no fato de os professores terem ficado muito focados no livro. Segundo o aluno, a professora “deveria sair mais do livro para termos mais contato com expressões.” Este aluno parece acreditar que o livro didático não oferece oportunidades suficientes de aprendizagem “real” da língua; segundo este aluno, o contato direto com as professoras americanas sem o livro teria sido mais útil para seu desenvolvimento linguístico.

Um segundo aspecto negativo foi mais um protesto contra os próprios colegas que não aproveitaram o contato com as ETAs como a aluna acredita que todos deveriam ter feito: O fato negativo é a “ETA só lecionar às segundas que a aula era às 7:30 e, às vezes sem muitos presentes ou sem interação da turma”. Segundo esta aluna, os alunos deveriam não apenas chegar na sala no horário, mas principalmente participar da aula de forma mais ativa. O fato de não fazerem isso era um desperdício de oportunidade de aprendizagem que deveria ser evitado.

O terceiro ponto negativo, também citado por apenas um aluno, foi que “Em alguns momentos o que foi passado não foi compreendido totalmente; não teve didática em alguns momentos.” Em outro extrato o aluno citou que um professor que conhece a língua dos alunos consegue entender melhor as dificuldades em alguns aspectos da língua. Este aluno parece compreender que o conhecimento pedagógico é necessário para se ter um bom ensino de línguas, que não basta apenas ser um nativo para ensinar bem.

A próxima pergunta foi se os alunos acharam que houve uma relação entre o ensino de língua e o ensino da cultura nas aulas com as ETAs. Houve unanimidade na resposta. Os alunos não apenas responderam que houve esta relação, mas mostraram a importância desta união de língua e cultura.

Resposta 1: “Durante as aulas as explicações eram feitas a partir de uma vivência de mundo, o que muda o modo como se ensina.”

Resposta 2: “Houve muito a relação do ensino e da cultura, o que foi muito bom, pois conhecer a cultura inglesa / americana ajuda na compreensão da língua.”

Resposta 3: “Ao estudarmos particularidades da Língua Inglesa nos deparamos com aspectos culturais dos países onde se fala esta língua.”

Resposta 4: “Elas trouxeram em seus seminários e aulas muitas vivências que fazem menção à cultura do país de onde vieram.”

Em seguida, foi então perguntado aos alunos se eles tinham observado um aumento da sua compreensão em relação à cultura estrangeira (cultura americana e/ou culturas estrangeiras). Os alunos perceberam que tinha havido uma melhora em relação à compreensão da cultura estrangeira, principalmente, mas não apenas da cultura americana. Uma aluna citou, e isso é válido para a maioria deles, que este foi o primeiro contato que tiveram com um estrangeiro e eles consideraram a experiência um sucesso. Os encontros não aconteceram apenas em sala de aula, mas, como dito anteriormente, ocorreram igualmente nos encontros semanais do Clube de conversação e nos *workshops* desenvolvidos pelas ETAs.

Resposta 1: “Embora estejamos mais expostos à cultura americana, a vivência de mundo trouxe outros pontos de vistas, outros costumes, outras ideias que nos fazem enxergar e compreender outras culturas.”

Resposta 2: “Minha compreensão em relação a culturas estrangeiras no geral foi muito ampliada.”

Resposta 3: “A ETA tentou nos passar tanto a cultura americana, mas também dos outros países falantes da língua inglesa.”

Um dos aspectos de uma educação intercultural é fazer com que os alunos relacionem aspectos de sua própria cultura com a cultura estrangeira, é comparar culturas e ter empatia com diferentes pontos de vista (Sercu, 2005). A convivência com as ETAs foi fundamental para o desenvolvimento de uma melhor compreensão da própria cultura pelos alunos, como deixam claros os comentários abaixo. Os alunos também demonstram perceber que foram influenciados e influenciaram as ETAs em relação a aspectos culturais e não apenas aos linguísticos.

Resposta 1: “Comparei o tempo todo a cultura estrangeira com a minha e essa comparação é importante para pensarmos em nossa cultura.”

Resposta 2: “Um estrangeiro observa aspectos de nossa cultura que às vezes escapa aos olhos de nós, nativos.”

Resposta 3: “Em todos os momentos em que a cultura estrangeira era mostrada, eu associava com a minha e podia perceber em que aspectos era diferente.”

Resposta 4: “Creio que ao entrarmos em contato com outras culturas, percebemos nossa cultura de outra forma, de certo modo amplia nossos horizontes.”

Resposta 5: “É por meio desse intercâmbio cultural que passamos a compreender ainda mais a nossa sociedade por passarmos a ter uma visão mais ampla de nossas influências culturais.”

É bastante interessante e relevante o fato de dois alunos terem passado a conhecer melhor seu próprio país pelos olhos de uma estrangeira, como pode ser percebido pelas respostas 2 e 4 anteriores. Eles se surpreendiam quando as ETAs falavam em sala de aspectos da cultura brasileira sobre os quais eles não tinham consciência. Muitas vezes, eles não tinham parado para pensar sobre eles e se espantavam com a nossa própria forma de ver alguns aspectos culturais tomados como naturais por nós nativos.

Uma última pergunta feita aos alunos foi se eles acreditavam que as ETAs tinham passado uma apresentação realista de imagens da cultura com aspectos tanto negativos quanto positivos. As respostas mostram que, como as ETAs escreveram no seu questionário inicial, elas realmente acreditam ser importante passar imagens realísticas da cultura e não apenas aspectos positivos.

Resposta 1: “Acredito que sim, pois nos foi passado tanto aspectos positivos quanto negativos da cultura estrangeira.”

Resposta 2: “A naturalidade que pude sentir quando as ETAs ministravam suas aulas e palestras, trouxe-me a segurança de que o que nos era apresentado era fiel às vivências que elas tiveram em seus países.”

Resposta 4: “Sim, acredito que isso seja muito bom para não criarmos estereótipos.”

Nas respostas dos alunos é possível perceber que as ETAs não seguiram a tendência do livro didático adotado de só mostrar aspectos positivos da cultura. Elas procuraram mostrar que em todos os lugares existem problemas, que isto não é apenas uma característica de países como o nosso. Os alunos perceberam essa tentativa das ETAs de não mostrar apenas lugares idealizados e se sentiram muito bem ao perceber que esta visão mais ampla os ajudava na compreensão da cultura alheia e da sua própria.

4.2. Análise final das ETAs

As repostas dadas pelas ETAs ao final do semestre letivo, de certa forma, vão ao encontro das respostas dos alunos. Ambas citaram que houve uma melhora no nível linguístico dos alunos, principalmente em relação à compreensão e produção oral. Uma maior confiança e a perda do medo de falar com nativos também foram percebidas. Uma das professoras assistentes citou o fato de elas estarem aprendendo português enquanto os alunos aprendiam inglês como um fator que deixou a relação entre professores e alunos bastante confortável, uma vez que os alunos percebiam que elas estavam passando pelo mesmo processo que eles.

Assim como foi citado por alguns alunos, as professoras assistentes escreveram sobre a falta de interesse de um número significativo de alunos pela aprendizagem da língua. As respostas das duas professoras a seguir deixam claro que era frustrante verificar que muitos alunos não levavam o estudo a sério. Isso foi um choque cultural bastante grande para elas, que, simplesmente, não conseguiam entender como os alunos não se envolviam o suficiente em um nível de ensino superior.

ETA 1:¹¹ Eu acredito que todos gostam de inglês, mas era um pouco desanimador ver o baixo nível de dedicação que os alunos tinham. / Eu não acredito que alguns deles estão estudando o suficiente em seu próprio tempo (e, para ser franca, nem dentro da sala de aula) para melhorar.

ETA 2:¹² Meu medo, no entanto, é que os alunos continuem a evitar fazer estudos independentes e, mesmo que eles GOSTEM de aprender a língua (a maioria), eles não vêm isso como particularmente premente ou importante.

Em relação ao ensino intercultural, particularmente o desenvolvimento da competência cultural – que é o objetivo principal deste estudo –, as duas ETAs afirmam que o contato foi benéfico para ambos os lados. Elas apontaram para o fato de os alunos terem deixado de pensar nos americanos de forma estereotipada e terem passado a perceber que brasileiros e americanos são pessoas bastante parecidas em muitos aspectos, que todos cometem erros e têm receios. Ambas foram unânimes em afirmar que este contato trouxe benefícios para um maior conhecimento sobre a própria cultura por parte dos alunos.

ETA 2:¹³ Nós passamos muito tempo fora de sala de aula (em *workshops* e *Conversation Club*) fazendo comparações entre o Brasil e os Estados Unidos e a Inglaterra e eu acho que isso encorajou as pessoas a pensarem diferentemente sobre seu próprio país.

ETA 1:¹⁴ Eu acredito que ao encontrar alguém de um país estrangeiro, você é forçado a analisar sua própria cultura mais profundamente. O estrangeiro pode dizer algo sobre a cultura dele que faz com que você questione a sua própria.

Para finalizar, as duas assistentes de ensino não ficaram muito felizes de trabalhar com o livro didático no que diz respeito às questões culturais. Segundo elas, o livro focava apenas na cultura inglesa ou europeia, mas mesmo assim de modo bastante superficial. Assim, sempre que surgiam questões nos livros sobre as quais elas não concordavam, ou achavam superficial, as ETAs buscavam enriquecer o momento com seus comentários ou mesmo com materiais extras. Em suma, elas aproveitavam toda a oportunidade em sala ou nas atividades extraclasses para falar um pouco mais sobre a cultura de seu próprio país e até mesmo de outros lugares para os quais elas já tinham viajado.

CONCLUSÃO

A análise deste contato semanal envolvendo pessoas de países e culturas diferentes nos forneceu a possibilidade de vivenciar várias atividades que trabalham a questão intercultural e nos mostrou vários desafios sobre o desenvolvimento da competência intercultural.

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, volto aos objetivos apresentados no início do artigo, fazendo uma relação de seus resultados com as implicações para um ensino voltado para o desenvolvimento tanto da competência linguística quanto da competência intercultural.

O primeiro objetivo foi verificar a expectativa de alunos e professoras assistentes (ETAs) em relação ao contato direto entre um professor nativo e alunos brasileiros ao longo de um semestre letivo. Com o estudo dos questionários aplicados no início do semestre letivo, foi possível

¹¹ I think they all like English, but it was a bit disheartening to see the low level of dedication the students had. / I don't think some of them are working hard enough on their own time (and, quite frankly, inside the classroom as well) to improve.

¹² My fear, however, is that students continue to avoid doing independent study, and while they ENJOY language learning (for the most part), they don't see it as particularly pressing or important.

¹³ We spent a lot of time outside of the classroom (in workshops and conversation club) doing comparisons between Brazil and the US/England, and I think that did encourage people to think differently about their own country.

¹⁴ I think that by meeting someone from a different country, you are forced to analyze your own culture more deeply. The foreigner may say something about her culture that causes you to question your own.

perceber que todos os envolvidos escreveram que este contato traria um bom desenvolvimento tanto da parte linguística quanto da parte cultural.

O segundo objetivo deste estudo foi investigar até que ponto a presença das ETAs motivou os alunos no seu processo de aprendizagem do inglês. Como todo professor de língua sabe bem, a motivação é fator primordial para a aprendizagem. Neste caso, não apenas os alunos, mas também as professoras assistentes de ensino se mostraram bastante entusiasmados com a possibilidade deste encontro. Os resultados obtidos demonstram que houve um bom desenvolvimento linguístico por parte dos alunos motivado pela presença constante das ETAs em diversas atividades envolvendo o ensino e aprendizagem do inglês.

Como terceiro e mais importante objetivo para este estudo, procuramos investigar até que ponto alunos e ETAs desenvolveram uma competência intercultural neste contato semanal em sala de aula, no Clube de conversação e nas oficinas. Apesar de vários autores afirmarem não ser necessária uma viagem ao exterior, ou mesmo um contato com estrangeiros para o desenvolvimento da competência intercultural, a presença de duas americanas na universidade ao longo de todo um semestre letivo, trouxe ganhos enormes no desenvolvimento desta competência, como demonstram os questionários analisados na seção anterior.

O contato mais estreito entre alunos e professores assistentes de países e culturas diferentes não foi sempre tranquilo. Houve momentos em que alguns alunos se queixaram de uma exigência muito grande por parte das ETAs, enquanto essas reclamaram do não comprometimento de alguns alunos. A dificuldade em lidar com essas divergências foi superada ao longo do semestre, o que demonstra que houve realmente um aumento no desenvolvimento da competência intercultural. Alunos e ETAs mostraram que são capazes de entender que a diversidade cultural envolve não apenas a tolerância da diferença, mas também a compreensão do que está por trás da diferença e a consciência de que a outra cultura traz valores adicionais que podem ser somados aos seus ou não. Os questionários mostram que alunos e professoras apontaram um crescimento no seu entendimento da sua e da cultura do outro e que procuraram entender os motivos de tais diferenças sem fazer julgamento de valor.

Apesar de um semestre ser muito pouco tempo para o desenvolvimento de uma competência intercultural, podemos ver pelas respostas dadas por alunos e ETAs que houve um avanço, que se traduziu em um pequeno passo na direção de um melhor entendimento entre culturas diferentes. Uma educação intercultural não tem a pretensão de ter um resultado “completo” em apenas um semestre ou mesmo um ano. Este é um trabalho de longo prazo que deve ser levado adiante por professores de todas as áreas para que possamos realmente atingir um resultado mais permanente. Esta pesquisa mostra algumas possibilidades que ajudam neste processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYRAM, Michael. Intercultural Competence in Foreign Languages: The Intercultural Speaker and the Pedagogy of Foreign Language Education. In: DEARDORFF, Darla. **The sage handbook of Intercultural Competence**. Los Angeles: Sage, p. 321-332, 2009.

BYRAM, Michael; ZARATE, Geneviève. Defining and assessing intercultural competence: Some principles and proposals for the European context. **Language Teaching**. v. 29, p. 14-18, 1997.

CHLOPEK, Zofia. The intercultural approach to EFL teaching and learning. **English Teaching Forum**. v.4, p. 10-27, 2018.

CORBETT, John. An intercultural approach to English Language Teaching. **Multilingual Matters Ld**, 210p., 2003.

DEARDOFF, Darla K. The identification and assessment of intercultural competence. **Journal of Studies in International Education**. v. 10, p. 241–266, 2006.

GOODWIN, Lin. Globalization and the preparation of quality teachers: rethinking knowledge domains for teaching. **Teaching Education**. v. 21, n. 1, p. 29-32, 2010.

JONES, Elspeth.; BEELEN, Joss. A new definition for 'internationalisation at home'. **International Higher Education, Issue**, n. 83, p. 12-13, 2015.

MITTENBURG, Anke.; SURIAN Alessio. **Apprendimento e competenze interculturali**. Bologna: EMI della Coop. SERMIS, 2002. 144p.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, John B.; HOLMES, Janet (eds) **Sociolinguistics. Selected Readings**. Harmondsworth: Penguin, p. 269-281, 1972.

LONNER, Walter J.; HAYES, Susanna A. Understanding the cognitive and social aspects of intercultural competence. In: STERNBERG, Robert J.; GRIGORENKO, Elena L. (Eds). **Culture and competence: Contexts of life success**. Washington, DC: American Psychological Association, p. 89-110, 2004.

MERRYFIELD, Merry M. Why aren't teachers being prepared to teach for diversity, equity, and global interconnectedness? A study of lived experiences in the making of multicultural and global educators. **Teaching and Teacher Education**, Elsevier: v.16, p. 429-443, 2000.

MOTTA-ROTH, Désirée. Competências comunicativas interculturais no ensino de inglês como língua estrangeira. In: MOTTA-ROTH, Désirée; BARROS, Nina Célia de.; RICHTER, Marcos Gustavo. (Org.). **Linguagem, cultura e sociedade**. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, v.01 p. 191-201, 2006.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Vizinhança global ou proximidade imposta Impactos da comunicação intercultural mediada por computador sobre o papel da cultura no ensino de língua inglesa. **D.E.L.T.A.**, v. 27 n. 2, p. 235-256, 2011.

SERCU, Lies. The acquisition of intercultural competence. A teacher training seminar. In: SERCU, Lies (ed.) **Intercultural Competence, I: The Secondary School**. Aalborg: Aalborg University Press, 1995. 273p.

WALTERS, Lynne Masel; GARII, Barbara; WALTERS, Timothy. Learning globally, teaching locally: incorporating international exchange and intercultural learning into pre-service teacher training. **Intercultural Education**. London: Routledge, v. 20, p.152-158, 2009.

Submetido em 25/10/2018

Aceito em 26/03/2019

Publicado em 04/07/2019